

Elementos para uma Pedagogia da Fé: por uma educação cristã no século XXI¹

Rafael de Souza Oliveira²

Resumo: Esse artigo propõe uma reflexão sobre a necessidade e possibilidade de renovação e revigoração da educação cristã. Metodologicamente, são abordados elementos considerados importantes para a reflexão, a saber: propósito, currículo e método. A educação é fundamental para o pleno cumprimento da missão das igrejas cristãs e a reflexão aqui fomentada pode colaborar no processo de construção de uma pedagogia da fé relevante no contexto dos novos desafios impostos na contemporaneidade, apontando para uma *práxis* educativa comprometida com o ser humano, a promoção do amor e valorização da vida. Esse ensaio representa, assim, uma aproximação nessa difícil tarefa de revitalização da importância da educação cristã na vida das comunidades eclesiais.

Palavras chave: educação cristã, educação libertadora, pedagogia da fé.

Abstract: This article proposes a reflection on the necessity and possibility of renewal and strengthening of Christian education. Methodologically, important elements for reflection are considered: purpose, curriculum and method. Education is essential for the full realization of Christian church's mission and the reflection here fomented can collaborate in the process of construction of a pedagogy of faith, which could be relevant in the context of new challenges in contemporary society, pointing to an educational praxis committed to human being, love promotion and life valuing. This paper is thus an approach in this difficult task of revitalizing the importance of Christian education in the life of ecclesial communities.

Keywords: Christian education, education for liberation, pedagogy of faith.

Introdução

O século XXI impõe novos desafios éticos, morais, mas também, teológicos. A espetacularização da fé, resultando de um processo de esvaziamento simbólico das instituições religiosas, tem colocado a religião em crise diante dessa nova sociedade. Nesse sentido, esforços missionários voltam-se para resultados imediatos e espetaculares. Neste novo contexto, a catequese perde espaço, o que vem ocorrendo sistematicamente, enquanto novas estrelas do mundo *gospel* angariam espaços nas manifestações litúrgicas e no próprio arcabouço de sentido da religião³. Entendo, no entanto, que é pelo resgate da própria educação cristã que seremos capazes de reconstruir o sentido de ser Igreja⁴.

¹ Esse artigo é subsidiado por minha pesquisa intitulada “Educação no período bíblico: elementos para repensar a educação cristã no século XXI”, desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Tércio Machado Siqueira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo, apresentada em dezembro de 2014.

² Mestre e doutorando em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo. Desenvolve pesquisa na interface Educação, Saúde e Religião. Teólogo e pastor da Igreja Metodista no Brasil. rafaeldoliveira@gmail.com

³ CUNHA, M.N. *Explosão gospel*. Um Olhar das Ciências Humanas Sobre o Cenário Evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

⁴ Não no sentido institucional, mas como comunidade com um propósito salvífico.

É importante destacar que as práticas educativas cristãs vão além da catequese, ou do espaço privilegiado de educação cristã nas igrejas protestantes conhecido como Escola Dominical, e se manifestam também na prédica, na liturgia, no discipulado, no evangelismo, no aconselhamento, nas pastorais, enfim, em diversos espaços da vida e missão das comunidades eclesiais. Esse trabalho compreende a educação cristã nesse todo.

Assim, esse estudo insere-se nos esforços de renovação e revigoração da educação cristã. Como afirma Zabatiero⁵, “novos tempos demandam novas metáforas, capazes de provocar impacto e reflexão em tempos nos quais pouco ou nada se reflete”. Nesse sentido, a proposta desse trabalho é refletir sobre essa necessidade e possibilidade de mudança, buscando inspiração para uma teologia da educação cristã relevante aos novos desafios, pois como também aponta Zabatiero, “novas metáforas não podem ocultar sua história: precisam nascer do solo em que vicejaram as antigas”⁶. Não se trata, portanto, de um manual ou livro de receita, mas de uma busca por elementos motivadores de uma reflexão sobre o cerne da educação cristã, busca, assim, uma mudança de mentalidade.

É importante destacar que essa busca também precisa considerar a tradição do movimento eclesial que protagoniza a prática educativa, assim como o conhecimento construído na área das Ciências da Educação. Esse ensaio representa, portanto, uma aproximação nessa difícil tarefa de revitalização da importância da educação cristã na vida das comunidades eclesiais.

Indubitavelmente, a maior riqueza para o estudo desse tema são os relatos deixados pelos evangelistas acerca do ministério de Jesus de Nazaré. Nos quatro evangelhos, o termo *rabi* é direcionado 12 vezes a Jesus, sendo sete vezes no livro de João. Essa palavra, um empréstimo do aramaico, significa um erudito e professor dos judeus, reconhecido por sua especialidade na interpretação das Escrituras. A variante *raboni* tem ainda aplicação de um significativo relacionamento pessoal – meu mestre –, e aparece duas vezes (Mc 10.51 e Jo 20.16), sempre direcionada a Jesus.⁷

No entanto, o termo majoritariamente empregado no NT com esse sentido é *didaskalos*. Esta palavra ocorre 59 vezes, sendo que se refere a Jesus em 41 ocasiões, das quais 29 representam uma forma direta de tratamento. A forma vocativa desse termo, *didaskale*, aplicada a Jesus diversas vezes⁸, é meramente a tradução do termo supracitado *rabi*.⁹ O emprego de *didaskalos* em sua forma absoluta também é aplicado a Jesus, sendo que em Mateus 23.8, assim como em Marcos 14.14, ele deve ser interpretado cristologicamente: “Jesus, acima de todos os demais, é o Mestre por excelência, cuja autoridade continua até depois da Sua morte”.¹⁰

Nesse sentido, a análise desse estudo baseia-se na prática pedagógica de Jesus e em suas raízes judaicas, compreendida a partir dos textos bíblicos e de obras especializadas. Os pontos selecionados para a reflexão nesse estudo - propósito, currículo e método -, não resumem a complexidade do processo aprender/ensinar inerente à prática educativa, mas auxiliam na proposta de repensar a educação cristã.

⁵ ZABATIERO, J. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo, SP: Hagnos, 2009. p.15

⁶ *Idem*

⁷ LOUW, J.P.; NIDA, E.A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínio semânticos*. Trad. Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p.372

⁸ Cf. Mc 9.17, 38; Mt 8.19; Lc 10.25 *et passim*

⁹ COENEN, L.; BROWN, C. (orgs). *Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p.641

¹⁰ HAWN *apud* COENEN&BROWN, 2000, p.642

Propósito: para que tenham a vida...

Por que *fazemos* educação cristã? Responder essa pergunta, Thomas Groome já afirmava que era uma das mais difíceis tarefas. Mas as tentativas de respondê-la são válidas, uma vez que falar em propósito é verificar qual a intencionalidade da educação cristã. Para Groome¹¹, a educação cristã *per se* não tem um propósito. “São os educadores que têm o propósito, e são as nossas intenções e esperanças coletivas que podem ser colocadas como propósito geral do empreendimento”. Esse autor defende ainda que esse propósito deve ser “conscientemente escolhido e constantemente lembrado tanto para moldar quanto para avaliar nossa prática”.

No antigo Israel, Crenshaw¹² aponta que o propósito primário da educação era promover a ordem e a continuidade da sociedade por meio da formação do caráter. O temor da divindade, grosseiramente um equivalente antigo do conceito moderno de “religião”, é dito como o primeiro princípio ou premissa do conhecimento¹³. Haja vista a competição de culturas, resultado de uma natureza de vida transitória no Oriente Próximo antigo, os guardiões da tradição de Israel esforçaram-se para estampar uma visão de mundo distinta na mente de seus educandos.

Conforme Crenshaw¹⁴, o central para os sábios era a aquisição de quatro virtudes: controle-próprio, moderação, eloquência e honestidade. A primeira virtude reconhece o enorme poder da paixão (medo, ansiedade e desejo). A segunda virtude, moderação, propicia o necessário equilíbrio em uma cultura dada a retórica excessiva, elevando a modéstia e discrição como um desiderato para multidões em perigo de perda da perspectiva. A terceira, eloquência, fornece o poder persuasivo do discurso tanto para o bem quanto para o mal. A quarta virtude garante integridade, o uso da língua na comunicação da verdade, especialmente em contextos judiciais. A aquisição dessas virtudes está baseada em um princípio geral antigo daquela sociedade, para a qual a conduta humana determinava o acesso a coisas boas na vida e a educação ajudava os jovens a alcançarem essas bênçãos.

Em Jesus, temos uma filosofia e práxis educativa que resgata esse princípio de se viver bem. Em João 10.10b temos uma declaração chave para a compreensão dessa ênfase no ministério de Jesus: “Vim para que tenham a vida e a tenham em abundância”.¹⁵ Olhando o ser humano de forma integral, Jesus pautou sua *práxis* educativa na transformação de vidas, voltando-se, então, para todas as áreas da vida do ser humano. Assim, não se preocupou apenas com o aspecto cognitivo, mas também com aspectos sociais, políticos, econômicos, biológicos e espirituais.

A educação cristã hoje precisa recuperar essa metáfora de educar para a vida. Zabatiero defende que, nos dias atuais, ao invés de vida, há que se falar em *vitalidade*, ou seja, amor à vida. Na visão desse autor, “educar para a vitalidade equivale a um convite à renovação dos modos de viver, um chamado a construir identidades cidadãs, a edificar comunidades criativas e solidariamente incluídas”¹⁶.

¹¹ GROOME, T.H. *Educação Religiosa Cristã: compartilhando nosso caso e visão*. Trad. Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. p.59

¹² CRENSHAW, J.L. Education OT. In: SAKENFELD, K.D. (Ed.), *The New Interpreter's Dictionary of the Bible D-H*. Nashville: Abingdon Press, 2007. p.201

¹³ Cf. Pr 1:7

¹⁴ CRENSHAW, 2007, p.201

¹⁵ Grifo nosso para destacar o artigo definido que antecede a palavra vida, dando ao termo um caráter de objetivo a ser alcançado, uma meta.

¹⁶ ZABATIERO, 2009, p.21-22

Sendo assim, falar em educar para a vida, diz respeito também a educar para a alteridade, reconhecendo no outro a imagem e semelhança de Deus, assim como exercendo esforços para recuperar essa imagem. Concomitantemente, diz respeito também à educação para a ecologicidade, rompendo com o paradigma antropocêntrico atual da natureza como objeto da ação humana, mas valorizando a vida em toda a ordem criada.

Currículo: textos sagrados, ordem criada e vida cotidiana

Para Goodson, o currículo é compreendido como o “curso aparente ou oficial de estudos”, considerando as normas, regulamentos e princípios que orientam o que deve ser lecionado.¹⁷ No movimento de Jesus, é possível destacar uma diretriz curricular baseada nos textos sagrados, na obra criada e na vida cotidiana.

Na prática educativa de Jesus está bem claro o amplo uso das Escrituras da tradição judaica. Conforme dados de Price¹⁸, são 38 citações diretas, 4 alusões a acontecimentos nele registrados e 50 empregos de linguagem paralela a certas palavras do AT, referindo-se a 21 livros. Além disso, Jesus também utilizou escritos judaicos que não foram canonizados, como a passagem do livro de Eclesiástico 28.2: “Perdoa a teu próximo o mal que te fez, e assim também teus pecados serão perdoados quando pediras”.¹⁹

Os educadores cristãos precisam estar bem familiarizados com o texto bíblico. Para o apóstolo Paulo, o ideal de educação a ser conhecido desde a infância baseia-se nos Escritos Sagrados, capazes para instruir na salvação em Jesus Cristo. De igual modo, o apóstolo afirma que toda a Escritura é proveitosa para ensinar²⁰. É preciso estar atento a um grave erro: ensinar certos trechos da Bíblia. A Bíblia precisa ser ensinada como um todo, ou seja, em uma visão holística que se opõe ao paradigma cartesiano de fragmentação do conhecimento.

Outro elemento curricular identificado na pedagogia de Jesus é a valorização da obra criada. Na tradição judaica, Deus teria escondido verdades universais nas profundezas da ordem criada²¹. Assim, a tarefa dos humanos seria procurar diligentemente por essas lições na natureza e na sociedade. Price identifica essa abordagem nos ensinamentos de Jesus, analisando que “qualquer ensino se torna mais eficiente por meio de ilustrações tiradas da natureza que nos rodeia, particularmente se forem de coisas que são familiares aos ouvintes e sabiamente escolhidas”. Assim, Jesus

nos elevados céus, observou (...) os ventos ‘soprando onde querem’, o sol brilhando sobre bons e maus, as chuvas descendo para justos e injustos, e a tempestade combatendo casas. No reino vegetal percebeu a relação vital da videira e suas varas, o horror da figueira sem frutos, o crescimento da semente desde a erva até o grão grado na espiga, a presença do joio no meio do trigo. No mundo dos pássaros, acompanhou com olhos inteligentes, tanto a inofensiva pomba como o corvo em busca de alimento, tanto o pardal que cai ao chão como a águia em seus círculos, espreitando sua presa. Na vida dos animais, observou a mortífera serpente, o

¹⁷ GOODSON, I. F. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 117

¹⁸ PRICE, 1995, p.82-83

¹⁹ Comparar com Mt 6.12,14

²⁰ ITm 3.14-17

²¹ Ver Pr 25.2 e Ecl 3.11

boi na vala, a raposa espreitando a caça, o cão lambendo feridas. Tudo isso o impressionava, e fazia parte dele, e ele usava isso tudo para ilustrar e colorir seus ensinamentos.²²

Dessa forma, o ensino de Jesus continuava vivo na mente de seus interlocutores uma vez que podiam rememorar-lo quando novamente expostos aqueles fenômenos da ordem criada.

O terceiro elemento curricular em destaque é a valorização de afazeres comuns e cotidianos. Nesse tópico, vemos como a pedagogia de Jesus superou a dos antigos sábios. Jesus foi capaz de tirar das coisas mais cotidianas da vida inspiração para os temas mais profundos e complexos da existência humana.

[Jesus] tirou lições da mulher preparando a massa de pão, do lavrador a semear, do viticultor a podar suas videiras, do pescador a tirar peixes da água, do construtor a edificar, do alfaiate a remendar roupas velhas, do rei preparando-se para ir à guerra. Parece que nada escapava a seus olhos inteligentes e vigilantes.²³

Isso conferia autoridade aos ensinamentos de Jesus, uma vez que falava de experiência própria e real, enquanto escribas se limitavam a livros e regulamentos. “Tudo isso nos confirma que o currículo não consiste apenas de manuais ou de tarefas especiais”²⁴.

Método: metodologia, memória e curiosidade

A referência ao método diz respeito ao conjunto de relações e de interações que define, em última instância, o caráter e a natureza de uma determinada prática educativa. Falar em método é, além disso, fazer menção à atividade do agente da educação cristã. O ambiente eclesial abrange diversos perfis de educadores, na maioria das vezes bancários²⁵, que importam para a educação cristã, com as melhores intenções, o método hegemônico dos espaços de educação formal. O fato é que os espaços educacionais não formais carecem, conforme afirma Gohn²⁶, de formação específica aos educadores a partir da definição de seu papel e atividades a realizar.

Independentemente da técnica de ensino, o método precisa ser orientado à pessoa a ser ensinada, ao currículo e às circunstâncias do ensino. Quando o método é voltado à promoção da vida, as técnicas de ensino, ou metodologias, estarão, invariavelmente, na mesma direção. Uma explicação expositiva não está intrinsicamente aliada à educação bancária quando ela gera reflexão que conduz à transformação das estruturas opressoras.

Em uma cultura que valoriza a informação em detrimento da reflexão e conhecimento, vivencia-se um grande desafio para o cumprimento dos propósitos da educação cristã, exigindo dos educadores cristãos que estejam dotados de rigorosidade

²² PRICE, 1995, p.84

²³ PRICE, 1995, p.85-86

²⁴ PRICE, 1995, p.87

²⁵ A terminologia “educação bancária” é da obra do educador Paulo Freire. Este autor considera que essa perspectiva educacional transmite um conhecimento, como se o aluno fosse apenas um receptor de conteúdo. Em detrimento dessa visão, o autor defende a “educação libertadora”, aquela orientada para a formação de sujeitos críticos, conscientes de seu papel social de agentes na História.

²⁶ GOHN, MG. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez. 2010. p.44-45

metódica, como enfatiza Freire²⁷. Nesse contexto, o método da educação cristã precisa lançar mão, como fundamento primordial, da valorização e estímulo da *curiosidade* humana. Para Freire,

antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache ‘repousado’ no *saber* de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer²⁸.

Os antigos sábios judaicos desenvolveram técnicas para expressar suas ideias em dois modos: *expositivo* e *hipotético*. O primeiro incluía observação sentencial e imperativos admonitórios. Isso enfatiza a autoridade do professor e depende fortemente do poder do exemplo ao relembrar os alunos as conquistas dos professores. O segundo modo submetia o discurso declarativo normal à interrogação. Isso muda o foco dos professores para os estudantes que são desafiados a entrar por um caminho para descobrir respostas de questões intrigantes.²⁹

No texto bíblico, as duas técnicas podem ser identificadas. Aforismos e instruções pesavam para o lado expositivo, enquanto textos reflexivos como Jó e Eclesiastes encorajavam estudantes para descobrir novas ideias através de um processo rigoroso de reflexão hipotética. No ministério de Jesus identificamos o amplo uso do modo expositivo. Price³⁰ o chama de preleção ou discurso didático, tendo sido utilizado quando Jesus se dirigia a grandes multidões, mas também a grupos pequenos. Há três discursos de Jesus ocupando mais de um capítulo e, provavelmente, tenham sido os mais notáveis. Um trata do julgamento final (Mt. 24 e 25), outro é conhecido como Sermão do Monte (Mt. 5, 6 e 7), e o terceiro, e mais longo, é sua fala de despedida (Jo 14, 15, 16 e 17).

É importante destacar que as preleções de Jesus provocavam a reflexão e sondavam o coração. Conforme Mateus 7.28, elas atraíam a atenção e estimulavam a curiosidade a ponto de as multidões ficarem “extasiadas com o seu ensinamento”. Ou seja, o ensino de Jesus era diferente do ensino dos “doutores da lei”, apesar da técnica empregada ser muito parecida. A diferença assenta-se na autoridade com a qual o Mestre ensinava. Zabatiero explica que “os escribas ensinavam baseando-se nas ‘tradições’ dos anciãos, ou seja, ensinavam as Escrituras apelando para a autoridade de outros mestres de tempos mais antigos, aos quais seguiam fielmente”³¹. Jesus, a encarnação viva da verdade, por outro lado, foi cem por cento aquilo que ensinou. Enquanto a sabedoria dos escribas e rabinos vinha de fora, a de Jesus vinha de dentro e “não precisava de escoras ou de confirmação”. Jesus ensinava com autoridade, pois

vivia o que ensinava, Jesus se *compadecia* das pessoas a quem ensinava, Jesus se *indignava* com algumas pessoas a quem ensinava. Em suma, Jesus tinha autoridade pedagógica porque seu ensino *nascia* da Palavra de Deus, *entrava* em sua própria vida, levava a sério a *vida* e as *lutas* das pessoas a quem ensinava e era *relevante* para a situação social em que ele se encontrava. Seu

²⁷ FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p.28

²⁸ FREIRE, 2011, p.84

²⁹ CRENSHAW, 2007, p.200

³⁰ PRICE, 1995, p.134

³¹ ZABATIERO, 2009, p.70

ensino não era meramente “teórico”, ou “tradicional”. Era um ensino íntegro e integral.³²

Jesus também lançou mão do modo hipotético. O evangelista Lucas³³ registra que ele com a idade de 12 anos, ao ser encontrado no Templo, estava sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e *interrogando-os*. A arte de fazer perguntas o acompanhou por todo seu ministério. As perguntas de Jesus chamavam a atenção de seus ouvintes e preparava seus interlocutores para aquilo que iria dizer. Em Mateus 16:13-35 temos um exemplo no qual a pergunta de Jesus - “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” – preparava o caminho para que se revelasse como o Filho de Deus. Outros exemplos podem ser obtidos em Marcos 10.35-40 e Marcos 10.18. Algumas perguntas eram direcionadas para ajudar ao interlocutor a pensar sobre sua própria dificuldade³⁴, outras para aclarar ou ilustrar seu ensino³⁵. Em algumas situações, Jesus usou perguntas como argumentos³⁶, mas também perguntou apresentando dilemas a fim de frisar o que ensinava³⁷.

O método hipotético se adapta a grupos de todas as idades, sendo muito útil para o princípio de despertar a curiosidade. Para obter bom resultado, as perguntas precisam ser claras, provocativas e interessantes.

Outro tema importante na discussão de método é a questão da memória. A cultura do antigo Israel era primariamente oral e sua pedagogia caminhava nesse mesmo sentido enfatizando a recitação oral. Memória, portanto, estava no coração da educação. Vários recursos de ajuda à memória foram desenvolvidos, em especial poemas alfabéticos³⁸, ditos numéricos³⁹, listas de itens em categorias específicas⁴⁰, composições circulares⁴¹, refrãos⁴², etc. Jesus não deixou nada escrito, mas usando técnicas mnemônicas, como formas poéticas (paralelismo, aliteração e paronomásia, etc.), imprimiu seus ensinamentos na memória de seus ouvintes.

Entendo que esse princípio precisa ser resgatado na prática educativa cristã hoje, em especial no trabalho com as crianças. As histórias bíblicas e canções são importantes subsídios que serão levados pela criança por toda a sua vida, constituindo solo fértil para o processo de construção do caráter cristão.

Na discussão sobre metodologia, algumas técnicas já foram supracitadas, mas não poderia deixar de falar sobre as parábolas. Conforme o registro dos evangelistas, é a metodologia que mais toma lugar na prática educativa de Jesus. Por outro lado, podem ser os ensinamentos que mais ficaram enraizados na memória de seus ouvintes e, talvez por isso, ocupe um espaço de destaque nos escritos bíblicos. De qualquer forma, as parábolas foram recursos preciosos na pregação e ensino de Jesus.

Price⁴³ identifica a metodologia da parábola como “uma história ou ilustração tirada de algum caso conhecido ou comum da vida, para lançar luz sobre outro caso não muito conhecido”. Para ele, “como método de ensino, é praticamente idêntico à

³² ZABATIERO, 2009, p.70-71

³³ Lc 2.46

³⁴ Mc 3.1-5

³⁵ Mc 2.23-28

³⁶ Mt 6.30

³⁷ Mt 21.25; Lc 10.36; Lc 9.25; Jo 21.15-17

³⁸ Acrósticos; ver Pr 31.10-31

³⁹ Pr 6.16-19; 30.15-33

⁴⁰ IRe 5:9-14

⁴¹ Sb 7.17-20

⁴² Ecl 2.7-10, 12-14

⁴³ PRICE, 1995, p.125

história, conquanto seja bem mais curta, para ter mais a natureza da comparação que da história”.

A tradição judaica estava bem assentada na prática de contar histórias. Sobre esse fato, Costa-Renders⁴⁴ afirma que “narrar histórias fazia parte do processo educativo do povo de Israel, seus filhos e filhas cresceram ouvindo histórias e aprendendo com elas”. Trata-se de um recurso de muito valor, especialmente com os que detestam fatos e argumentos. Uma boa história ninguém resiste.

No movimento de Jesus, as histórias ganharam ares mais metafóricos e reduziram de tamanho, provavelmente com um intuito de prender mais a atenção do ouvinte e leva-lo à reflexão de questões existenciais mais complexas, para o qual a metáfora exerce um excelente papel. Quanto à sua importância na prática pedagógica contemporânea, Costa-Renders⁴⁵ destaca que as parábolas apontam para “a valorização do conhecimento cotidiano, a utilização de uma linguagem familiar, o exercício criativo no fazer pedagógico, a clareza de objetivos e consideração dos conflitos mediante o diálogo”.

Sendo assim, a simples leitura do texto didático base ou de apostilas ou manuais, prática tão comumente detectada, não é uma abordagem interessante, lúdica ou curiosa. É preciso ir além. Conhecer seus educandos, suas particularidades e o contexto no qual estão inseridos é essencial para o desenvolvimento de uma prática educativa eficaz em seus propósitos. A tecnologia possui um enorme potencial de estímulo e desafios à curiosidade para crianças e adolescentes de todas as classes socioeconômicas. A reflexão sobre sua aplicabilidade precisa ser mais bem desenvolvida a fim de se tornar uma realidade no espaço da educação cristã. No entanto, a tecnologia não pode servir de muleta, mas de uma ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Por uma educação cristã

O mestre por excelência, Jesus de Nazaré, impactou a História com seus ensinamentos, de modo que sua pedagogia representa o modelo ideal. Ela não está preocupada apenas com o aspecto cognitivo, mas também com aspectos sociais, políticos, econômicos, biológicos e espirituais.

Deparamo-nos, hoje, com o desafio de promover uma educação integral nas comunidades eclesiais. A educação bancária é, ainda, dominante nos espaços de formação secular, perpassando anos na formação daqueles que hoje se encontram na posição de educadores cristãos. Automaticamente e ingenuamente, essas práticas são extrapoladas para as igrejas. Contribuindo para o quadro desafiador, vivemos uma realidade pautada pela completa inversão dos valores, onde o ser humano tem se reduzido cada vez mais a um objeto à mercê dos caprichos e interesses do capitalismo e da lógica de mercado. Resgatar o sentido do *ser* torna-se então fundamental para a superação dessa realidade alienante e opressora, idólatra do *ter*. A mensagem do Evangelho nos remete para o caminho da libertação e promoção da pessoa em sua integralidade. Sendo assim, entendemos o papel da educação cristã como colaboradora para a transformação desse quadro, através do resgate da conscientização.

⁴⁴ COSTA-RENDERS, E. Novas aproximações às abordagens pedagógicas: em perspectiva as distintas tradições bíblicas. *Caminhando (online)*, v.19, n.1, p109-120, jun. 2014. p.113

⁴⁵ COSTA-RENDERS, 2014, p.116

Como afirma Lazier⁴⁶, a educação cristã “desafia educadores/as e educandos/as a desenvolverem um diálogo e uma convivência à luz da experiência cristã e na busca por uma compreensão abrangente acerca da vida e da fé”.

Seu desafio se torna maior diante da competição com os métodos de comunicação em massa que dia a dia moldam o pensamento desse indivíduo. De igual modo, Jesus também questionou princípios e fundamentos da religiosidade de sua época, revelando todo o caráter radical de sua pedagogia. Assim, nos mostrou por qual caminho devemos seguir, a saber: comprometer-se com o ser humano, enxergando a criança, a mulher, os “endemoninhados”. Olhando-os sem preconceitos, sem estereótipos, sem modelos; promover o amor, não aquele cantado, mas o amor comprometido, doador, capaz de fazer aproximar-se do excomungado e propiciar condições de retorno à dignidade; e, valorizar e defender a vida em todas as suas manifestações, reconhecendo que a *vitalidade* é mais importante que os dogmas e os estereótipos.

Referências Bibliográficas

COENEN, L.; BROWN, C. (orgs). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COSTA-RENDERS, E. Novas aproximações às abordagens pedagógicas: em perspectiva as distintas tradições bíblicas. *Caminhando (online)*, v.19, n.1, p109-120, jun. 2014. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CA/article/view/5054/4288>>, acessado em 19/09/2014.

CRENSHAW, J.L. Education OT. In: SAKENFELD, K.D. (Ed.), *The New Interpreter's Dictionary of the Bible D-H*. Nashville: Abingdon Press, 2007.

CUNHA, M.N. *Explosão gospel*. Um Olhar das Ciências Humanas Sobre o Cenário Evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOODSON, I. F. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOHN, MG. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez. 2010.

GROOME, T.H. *Educação Religiosa Cristã: compartilhando nosso caso e visão*. Trad. Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

⁴⁶ LAZIER, 2011, p.85

LAZIER, J.A. A Bíblia e o ensino: por uma educação integral. *Caminhando*, v. 16, n. 1, p. 79-85, jan./jun. 2011

LOUW, J.P.; NIDA, E.A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínio semânticos*. Trad. Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

PRICE, J.M. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. Tradução de Waldemar W. Wey. 2. ed. Rio de Janeiro: Sabre, 1995.

RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Francisco Catão. 2ªed. São Paulo: ASTE/TARGUMIN, 2006.

ZABATIERO, J. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.

Recebido para publicação em 05-09-15; aceito em 03-10-15